

Cadernos de Estudos Lingüísticos
Número 3, 1982
Páginas 84-91

O SUJEITO ENUNCIADOR E O DISCURSO POR ELE PRO-
DUZIDO NO PROCESSO DE AQUISIÇÃO ORAL DE UMA
LÍNGUA ESTRANGEIRA*

Celene Margarida Cruz
UNICAMP

Vera Lúcia Aguiar
UNICAMP

Durante nossa prática como professoras de francês ocorre com certa frequência a seguinte constatação: alunos que apresentam em sala de aula um desempenho lingüístico satisfatório encontram particular dificuldade de se expressar em situação real de enunciação, mesmo quando esta os chama a utilizar instrumentos gramaticais já suficientemente trabalhados.

* *Texto original em francês apresentado no Simpósio Nacional sobre as Culturas e Literaturas de Expressão Francesa (Belo Horizonte, julho de 1980) constando nos anais do referido simpósio.*

Tal fato seria decorrência de utilização da língua fora de seu meio natural de uso (o país onde se fala a língua ensinada) e dentro dos limites restritos da escola. A necessidade de recriar artificialmente situações se impõe dadas essas limitações de natureza espacial. Portanto, o aluno, cuja produção lingüística é amplamente suscitada por meios artificiais, seria inevitavelmente conduzido a um exercício de difícil e, por vezes, impossível adaptação quando exposto a uma situação de uso da língua.

Parece-nos, porém, que a constatação do insucesso limitando-se a tais conclusões conduz a um im passe, senão mesmo ao questionamento da validade de um curso de línguas em um país estrangeiro e no interior de uma instituição escolar, discussão que extrapolaria os limites estabelecidos pela nossa intenção de adequar o trabalho que realizamos às necessidades dos alunos que buscam cursos com o objetivo de aquisição oral da língua estrangeira, no nosso caso específico, o francês.

A partir de indagações relativas ao desempenho lingüístico dos alunos em situação real de enunciação, colocamos como ponto inicial de nossa discussão a análise do processo pelo qual provocar-se-ia, nos chamados cursos audio-visuais, um distanciamento entre o enunciador (aluno) e o seu enunciado.

Para o exame da questão sobre a qual incidirá nossa análise, faremos referência a um dos vários

fatos observados: o mesmo aluno que responde sem hesitar à pergunta - Qu'est-ce que vous avez fait hier? com a resposta - Je suis allé chez Mireille (Philippe, Sylvie, Mme Renard...) quando feita dentro do quadro situacional proposto pelos métodos, encontra dificuldade de responder ao mesmo tipo de pergunta fora da "mise-en-scène" dos métodos.

Ocorrências dessa natureza nos conduzem a concluir que, mesmo quando produzindo um discurso na primeira pessoa, há uma manifesta impessoalidade por parte do locutor, incapaz de constituir-se como sujeito real do discurso emitido, restringindo-se ao papel de reprodutor de seqüências verbais atribuíveis a um outro. Esta situação seria inexplicável se a língua fosse apenas um sistema de regras gramaticais que excluiriam o sujeito, e sua aquisição, a mera fixação dessas regras. Na verdade, há mais elementos envolvidos. A noção de discurso abre um caminho para a explicação da situação descrita.

Coloca-se aqui a questão da subjetividade no interior da linguagem que tentaremos analisar com o auxílio de noções propostas por Simonin-Grumbach em seu artigo "Pour une typologie des discours"¹. Embora o objetivo da autora não corresponda ao nosso, ou seja, a aquisição de uma segunda língua, aproveitamos certas pistas que o trabalho oferece. A autora, no desenvolvimento de seu trabalho, tratando das diferentes relações que podem ser estabelecidas entre enunciado e enunciação, propõe a

representação de um sujeito S* sujeito que não pode ser localizado em relação à situação de enunciação, que ela distingue de S, sujeito localizado em relação à situação de enunciação, que poderia ser um sujeito igual ao sujeito da enunciação (S = S) ou diferente deste (S ≠ S).

Tal sujeito S* ocorreria no plano enunciativo da "história", segundo a terminologia da autora. Haveria, pois, um "não-discurso" que se oporia a um outro plano enunciativo, o "discurso" onde ocorreria S, sujeito localizado em relação à situação de enunciação.

Exemplificando ocorrências de S* (sujeito desligado da situação de enunciação) Simonin-Grumbach cita entre outros casos, a possível existência de um "eu" num "não-discurso" onde a história desse "eu" seria relatada como se fosse a história de um outro. Esse "eu" não podendo ser identificado com o sujeito enunciador pois está localizado em relação à situação de enunciado.

Mais além, tratando da distinção entre escrita e oral, Grumbach observa que o texto escrito, que tem uma situação de enunciação diferente, pode conter elementos próprios da instância do discurso (shifters) que remetem com ambigüidades a dados da situação de enunciação ou a dados da situação de enunciado. A autora cita exemplo dos romances semi auto-biográficos onde a ambigüidade pode subsistir.

Poder-se-ia, pois, supor a presença de

"eu" (elemento próprio da instância do discurso) no interior de um texto escrito cujo processo de identificação poderia, por exemplo, remeter ao autor do texto ou a uma personagem. No uso normal da linguagem oral, ao contrário, elementos pertencentes à instância do discurso seriam necessariamente unívocos, por exemplo, o "eu" emitido por um locutor remeteria sempre ao locutor.

Algo análogo ao fenômeno do escrito observamos no aluno que produz enunciados orais onde ocorre por exemplo, um "eu" (je) que ambigualmente pode remeter ao enunciador (aluno) ou à personagem das situações e diálogos dos métodos de ensino de francês, neste caso, apesar de se tratar de um texto oral, o aluno não estaria necessariamente produzindo um discurso oral, segundo a terminologia de Grumbach. Como no caso do autor que põe um "je" na boca do personagem (que pode ou não ser o próprio autor), o aluno que fala "je" refere-se ambigualmente a si mesmo ou a uma personagem do método.

Tal situação decorreria, a nosso ver, de estratégias utilizadas, que impossibilitariam o aluno de introduzir-se livremente e integrar-se no seu discurso. O método, visando à aquisição de um conteúdo linguístico que atinja determinado nível de domínio do sistema linguístico, acabaria por ser coercitivo, criando barreiras, levando o aluno a meramente reproduzir enunciados que atendam mais a necessidade de ordem técnica que de ordem pragmática.

As estratégias que se servem largamente de situação e diálogos recriados artificialmente distanciam o aluno da situação real de enunciação, permitindo o processo de perda de identidade por parte do enunciador (aluno), levando-o a se sentir não responsável pelo seu enunciado. Protegido por uma outra identidade assumida (ele deixa de ser eu e passa a ser o outro - personagens dos diálogos e situações dos métodos -) o aluno sente-se, portanto, menos susceptível de eventuais sanções no caso de erros de ordem gramatical ou eventuais discordâncias quanto às idéias expressas. Caso cometa um erro de ordem linguística e caso emita um parecer contrário às opiniões do grupo (professor/colegas), o sujeito passível, no primeiro caso, de correção e, no segundo, de críticas, não é mais o aluno e sim a personagem que representa. Sem esse escudo que o oculta, observa-se a inibição e conseqüente não espontaneidade de seu discurso em situação real de enunciação.

Considerando que o ensino de línguas estrangeiras, num estágio inicial, preocupado com a aquisição de fala oral, não pode prescindir de situações criadas artificialmente, seja com imagens, diálogos ou outros recursos, é necessário que busquemos meios que permitam ao aluno instalar-se como sujeito responsável da sua produção linguística. Acreditamos que haja a possibilidade de encontrar meios que impeçam que os alunos se despojem de

sua vida na porta da sala de aulas, permitindo-lhes integrar sua vivência, sua experiência, ao trabalho de aquisição lingüística.

Já no momento introdutório do curso, convidando-os a se apresentarem através de fichas de identidade, é possível permitir que se instaure de maneira espontânea um discurso fundado no real e no cotidiano, discurso que prescinde dos habituais subterfúgios que permitiriam aos alunos esconder-se atrás de um outro. Aparece, assim um sujeito que pode ser responsável pela enunciação, ou seja, um indivíduo que não sô represente papéis.

Nossa proposta é que se trabalhe com um material que possibilite a constituição do sujeito do discurso, que se escolham situações (imagens, diálogos, etc) que permitam a emergência do concreto, do real, enfim, de elementos que não impeçam o aluno de comparar, questionar, possibilitando a produção de discursos que incluam um eu que se distingue do outro. Nesses casos, é possível, por exemplo considerando-se uma imagem, que o aluno produza discursos que seguiriam três etapas, do tipo:

- 1) O que o outro (personagem da situação proposta) está fazendo, dizendo, etc.
- 2) O que eu penso disso.
- 3) O que eu faria em tal situação ou o que se deu comigo em situação análoga.

Observar-se-á então que o deslocamento de ordem espacial pode ocorrer, que situações artificiais po

dem intervir, mas o aluno saberá sempre situar-se em relação àquilo que anuncia, pronto a transmitir suas impressões, suas reflexões, ou seja, aquilo que ele deseja dizer, sem o risco de tomar-se por um "outro", personagem das situações propostas pelos métodos.

Vemos, pois, que em todas as etapas seria possível evitar a perda de identidade. O eu e o agora (o aluno enunciador no momento da enunciação) realizar-se-iam plenamente sem qualquer possibilidade de ambigüidade.

REFERÊNCIA:

J. SIMONIN-GRUMBACH. "Pour une typologie des discours" in Langue, Discours et Société - "Pour Emile Benveniste" Paris, Seuil 1975, p.85-121.